

VALE DO RIO PRETO  
renato amado

Editora Multifoco

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.  
Av. Edson Passos 934, Alto da Boa Vista  
Rio de Janeiro - RJ  
CEP 20531-074

Revisão

Thiago França

Arte

Vanessa Koehler

Composição

Renato Tomaz

Vale do Rio Preto

2ª Edição

Junho de 2008

Amado, Renato

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução  
deste livro e de seu conteúdo  
com fins comerciais sem a prévia autorização  
do autor e da Editora Multifoco

Este livro foi composto em Adobe Caslon Pro  
pela Editora Multifoco e impresso  
em papel Pólen Bold 80g/m<sup>2</sup>



# VALE DO RIO PRETO

renato amado



Dedico este livro a Nelson Guimarães Barreto, Eleonora Maria de Aguiar Barreto, Helô Amado, Guilherme de Aguiar Barreto, Heloisa Maria de Oliveira Amado, Patrícia Amado Barreto, Tânia Maria Pereira Ferreira, Vanessa Miguez Koehler e Eurico Amado.



## Prefácio

Num país onde algumas leis pegam e outras não, e onde a civilização resume-se a belas frases e alguns aparelhos eletrônicos, o que não falta é matéria-prima para o humor. E há muito humor na mídia e nos bares do país, mas os literatos não se arriscam muito neste terreno, pois é muito fácil o humor deslizar no sarcasmo e o riso resultar amargo.

Numa estréia promissora, Renato evita inteligentemente este perigo com uma construção simples: o lugar, personagens e situações não são identificáveis, isto é, não se referem diretamente a um real delimitado e datado. Rio Preto é qualquer lugar ainda relativamente fechado para a modernidade industrial, onde os eventos são disparados por forasteiros. Os personagens são tipos sociais e culturais com quem esbarramos constantemente, mas ninguém publicamente reconhecível.

Com este cuidado Renato escreveu uma rapsódia burlesca com muita imaginação. Logo no início um forasteiro, como o deus na “Bacante” de Eurípides, seduz as mulheres da vila. O problema é que ele é argentino, um golpe profundo em nosso ufanismo, reparado mais adiante quando ficamos sabendo que o próximo dalai-lama será brasileiro, mas com que itinerário!

O leitor atento encontrará ecos do Macunaíma e do ciclo juvenil de Lobato, reconhecerá o velho tema do sábio casado com uma prostituta. E apesar disto a obra é perfeitamente una e consistente, de leitura agradável e envolvente.

No país, os celulares já passam da centena de milhão e os computadores pessoais de dezenas de milhões, no entanto ainda temos trabalho infantil e escravo, e mandantes de crime são absolvidos por júris populares. Será que restou algum Vale do Rio Preto escondido por aí?

Espero que a estréia frutifique e que traga outras novelas, a esperança não morre enquanto jovens autores continuarem urdindo tramas com frases límpidas.

**Rui Sá Silva Barros, mestre em História Social (USP).**



## Ruminante Amor

Tardava em retornar da colheita. Este ano está sendo bom, sem dúvida. Tomate a dar com o pau. Mas estava demais, demora injustificável. Teria ela sido pega pelo tornado? Muito mais forte que qualquer furacão com nome de mulher e pose de rainha, o *caliente* Tornado Amor atinge temperaturas inimagináveis. Diz-se ser capaz de derreter uma pessoa. “Pessoa não derrete, pessoa se queima”, dizem os mais céticos, como Dona Ieda. Sinto discordar da respeitável senhora, mas pessoa queima e derrete, não necessariamente nessa ordem.

Sabe-se que o Tornado Amor leva suas vítimas para um reino paralelo. Dizem que é o Reino de Oz, mas os mais espartos sabem que isso é apenas um eufemismo para Reino do Oh! ou Reino do Aaaiii... ou ainda Reino do Isso, Vai! O que não se tem muita notícia, ou melhor, até se tem, mas as contróvérias são tantas que não dá para dizer que haja informação confiável, é sobre a posição do referido reino. Indubitável é que fica num vale ou numa espécie de cânion. Mas a partir daí só há discórdia. A verdade é que cada um escolhe a posição que bem entende, havendo, ainda, aqueles que não se decidem sobre uma posição, variando a cada instante. Mas deixemos o Reino de Oh! para lá e continuemos a impressionante história, até agora apenas introduzida.

José Antônio foi à sacada, passeou os olhos por todo o campo em busca de um pedaço de renda que denunciasse a presença de sua mulher. Nada viu. Pensou em procurá-la, mas não. Jamais ele seria cabra corno. Era cabra macho, terremoto na cama, prazer maior que o dele homem algum poderia proporcionar à sua esposa. Mas é inegável que desde quando aquele jovem chegou à cidade ela vinha se comportando de forma estranha. Hoje não era a primeira demora excessiva para

voltar da colheita. Na cama, a impressão é de que o lazer de outrora passara a ser obrigação, para sua querida mulher.

O esposo em atual agonia sempre foi um homem direito. Muito respeitador, nunca flertou com a prometida quando menina, embora soubesse, desde criança, que um dia a teria. Foi paciente e soube esperar o momento ideal. Nada de agravações precoces no matagal.

Mas esse homem que a vida inteira ostentou uma postura digna e respeitosa, agora era vítima da falta de valores de sua mulher.

Tudo começou quando um argentino fugido, que temia ser convocado para lutar nas Malvinas, chegou à cidade. Era um jovem de poucos dotes, mas um exímio tanguista. Para ganhar a vida em terras novas, abriu uma escola de tango.

Belo, cabelos compridos, negros e ondulados, corpo atlético, ligeiramente alto, com jeitão de conquistador e um sotaque capaz de enlouquecer qualquer mulher, Affonsín causou alvoroço na cidade. Os maridos ficaram com receio de perder suas esposas e de que suas filhas renunciassem ao homem escolhido desde a infância.

Alheio aos temores masculinos, Affonsín lecionava a tradicional dança portenha e involuntariamente ia conquistando as mulheres do povoado. Forasteiro, não desejava causar problemas, então se quedava indiferente às provocantes insinuações que recebia diariamente. Contudo, não foi capaz de resistir quando Maria de Lurdes despiu-se na sua frente.

Esta senhora disparou o gatilho da tentação e logo o argentino estava se deitando com todas que menstruassem. Isto, em pouco tempo, gerou um sério problema: as mulheres estavam dispostas a largar tudo para fugir com ele. Era amado por todas, mas também as amava, como um devotado marido ama sua única esposa. Como agravante, enciumados, os maridos obrigaram suas mulheres a sair da aula de tango. Era um duplo problema, portanto: financeiro e emocional.

Sem ter como se sustentar, Affonsín começou a pedir às suas amantes que, ao se encontrarem com ele, levassem uma comida, um dinheirinho, pilha, óleo para lampião, vinho e o que mais lhe aprouvesse. Com isso, em questão de semanas o forasteiro tornou-se o homem mais rico da cidade. Tinha uma casa grande, bem iluminada, com uma enorme adega e uma dispensa rica em alimentos de toda sorte.

Os homens do povoado perguntavam-se de onde vinha o dinheiro daquele argentino que nada fazia. Indagado, o dançarino respondia que tinha negócios com parentes na Argentina, que lhe mandavam rendimentos mensais. Dizia tratar-se de uma fábrica de armas que, com a guerra, estava ganhando muito dinheiro.

Passados alguns anos a situação do estrangeiro ficou insustentável. Estava evidente que sua cama não abria exceção à mais nobre dama ou à mais pudica moça, o que estava deixando os patriarcas deveras irritados. Precisava retirar-se rápido, pois a esta altura sua vida estava em risco. Mas amava e era amado, indiscriminadamente, por qualquer vestígio de progesterona do povoado. Então, só restou-lhe uma opção: partir durante a madrugada com todas as mulheres, inclusive as mais novas, que apenas esperavam a autorização biológica para que pudessem ser defloradas por aquele Homem. As que já tinham ultrapassado a barreira da menopausa também acompanharam a caravana, na esperança de aproveitar um momento de fraqueza ou embriaguez do galã.

Desde então, a cidade de São Sebastião passou a ser conhecida como Só Sebastião. Não se sabe o que todos aqueles homens fizeram para aplacar sua libido. A única notícia que se tem é que foi mais ou menos nesta época que São Sebastião se notabilizou pela gigantesca criação de cabritas.



## II

### Os Anais Não Mentem

Todos os anos os ciganos surgiam com novidades. Já haviam trazido belos tapetes, honrosas cópias em miniatura dos persas, que a população cismava em usar como capacho; fidedignas falsificações de perfumes franceses, que foram utilizadas para neutralizar o odor oriundo de fossas mal feitas, e agora chegavam com uma das maiores maravilhas do mundo moderno: exemplares da revista Playboy. Não traziam só isso, por óbvio, já que as mulheres não poderiam saber de tal indecência. Oficialmente a novidade ficara por conta de apetrechos indígenas adquiridos na Selva Amazônica. Mas os homens só se interessavam pelas revistas. Ficaram impressionados com a perfeição dos corpos constantes daquelas páginas. Coelhinhas de todos os tipos, rostos ingênuos, semblantes conquistadores e selvagens, negras, brancas, asiáticas... uma rica diversidade de etnias, mas sempre com um ponto em comum: um corpo escultural.

Por um trocado podia-se adquirir um dos antigos exemplares à venda. Não houve cabra que recusasse. As mulheres, desconfiadas, estranhavam como seus homens estavam menos atrevidos e sofrendo de constantes desarranjos, que os obrigavam a passar horas no banheiro. Os homens, por sua vez, após se satisfazerem com as belezas impressas nas páginas, não conseguiam mais tolerar aqueles corpos gastos e maltratados. Decidiram, então, que suas esposas deveriam entrar em forma.

Foi suspensa a carne vermelha e em poucas semanas a produção de galinhas havia triplicado, para a alegria dos bois. Os peixes praticamente entraram em extinção depois que todas as mulheres entre quinze e vinte anos foram escaladas para pescar todos os dias. O envio das moças para a atividade pesqueira fazia parte de um programa de troca de papéis. Doravante as mulheres deveriam realizar o trabalho braçal, cortar cana e

lenha, fazer os reparos na casa, carregar feno e cuidar de toda a roça. Os homens, por seu turno, se responsabilizariam pelas atividades domésticas. Varreriam a casa, lavariam louça e tomariam chimarrão com os compadres ao pôr do sol.

Em alguns meses os homens atingiram seu objetivo: as mulheres estavam mais magras, esbeltas e fortes. Tão fortes que a maioria superara seus maridos neste atributo.

Tomadas por um sentimento de poder, oriundo da saúde e força física, as damas decidiram que passariam a comandar. Destituíram o prefeito, os vereadores, o delegado e nomearam mulheres em seus lugares. Fizeram uma concessão ao padre, que só comparecia uma ou duas vezes por semana à cidade, já que respondia por todas as paróquias da região.

Desesperados, os homens não sabiam o que fazer. Queriam retomar o poder, mas tornaram-se demasiado preguiçosos para trabalharem seu físico e ficarem mais parrudos do que as mulheres. Lembraram-se, então, dos colegas de uma cidade próxima, chamada Só Sebastião. Há cerca de uma década esta cidade não tinha representantes do sexo feminino, pois elas haviam fugido com um galã argentino. Certamente não hesitariam em ajudar os habitantes de Maricá do Rio Preto a retomarem seus postos de comando, em troca de suas filhas.

Uma semana depois, uma caravana impressionante chegou à cidade. Centenas de homens, com seus mastros em riste, despontaram no horizonte. Embora tivessem uma missão a cumprir antes de possuírem a carne desejada, certas cabeças ficavam inchadas em pensar na demora que poderia haver. Ignorando o acordado, a primeira ação dos visitantes foi procurar a recompensa, mesmo sem que tivessem feito jus a ela. Argumentavam para suas consciências que, se suas necessidades fossem logo atendidas, poderiam trabalhar mais relaxados, aumentando a produtividade.

Contudo, as meninas não vacilaram em negar seus corpos. Não se entregariam aos forasteiros, a menos que eles se aliassem à causa feminina. A caravana dos desesperados,

entretanto, estava certa de que os pais das moças não permitiriam tal traição. Caso isso ocorresse, uma guerra acabaria se instalando entre os locais e os visitantes. As raparigas, então, disseram que poderiam ir elas e suas mães com eles para Só Sebastião, em troca da administração, por suas genitoras, da cidade. Cada homem teria, então, uma família inteira para ele, em troca da submissão política ao sexo oposto.

Os forasteiros, por necessidade física, mental, biológica, química, hormonal e outras tantas foram incapazes de negar a proposta. Formou-se, pois, uma caravana muito mais impressionante que a anterior, rumando, gemendo e uivando em sentido oposto. A quilômetros era possível sentir o cheiro daquela estonteante exalação de feromônio, daquele corpo único que caminhava por saliências, como uma centopéia pornô.

Só Sebastião, desde então, passou a ser chamada de Só Sebastiana, a despeito da presença masculina na cidade. Cinquenta anos mais tarde, a imprecisão das línguas que aos poucos vão redesenhando nomes à medida que os repetem fez com que o município passasse a ser conhecido por São Sebastiana. Mas num dia de mau humor, um governador inquieto com a imprecisão de gênero, rebatizou-o de Santa Sebastiana.

Passada outra metade de século, historiadores afirmavam que a origem do nome era uma santa local, que foi glorificada em vida por ter, através de preces, livrado os homens da cidade de uma terrível maldição, que só “permitia” que eles tivessem relações com cabritas. Esta desgraça teria tido origem na água de um rio turvo que passa perto da cidade. Segundo os anais, num povoado rio acima, um rapaz teria atirado uma cabrita na água, durante uma crise de raiva, por não conseguir pescar um peixe sequer. A cabrita teria batido contra uma pedra, sangrado muito e tido uma morte lenta e dolorosa. O animal, então, querendo vingar-se, fez com que todos que bebessem da água banhada pelo seu sangue desejassem apenas as de sua espécie.

Passados mil anos, a cidade passou a ser conhecida por Tibatiana. Estudiosos afirmam que há provas cabais de que um grupo de mulheres vindas do Tibete e um argentino que servira nas Malvinas...

### III

## Xigostora

O ser humano tende a seguir seus pares. Em Só Sebastiana, bastou o primeiro suprir a falta de mulheres com uma cabrita para que toda a população adotasse a mesma prática. Ocorre que em Maricá do Rio Preto, o primeiro a tomar uma atitude quanto a esta terrível lacuna sexual decidiu flertar com seu vizinho. Em poucos meses a cidade era novamente composta por famílias. Em cada lar era claro quem fazia o papel do homem e o da mulher. Enquanto um cuidava dos afazeres domésticos, o outro tratava da roça e dos reparos.

Embora esse comportamento fosse disseminado entre a população e as autoridades locais, havia uma pessoa inconformada: o padre. Não aceitava e não podia ser conivente com tamanha heresia, mas se fosse de encontro aos moradores acabaria sendo expulso do povoado, que ficaria, então, completamente entregue ao Demônio. Diante de tão grave situação, não hesitou em recorrer à autoridade máxima: o governador. Subiu numa charrete e enfrentou três dias de viagem para chegar à capital do Estado.

O Chefe do Executivo local só conseguiu pensar em uma solução: quengas. Convenceu o pároco de que o pecado era necessário, para que não se estabelecesse uma tradição homossexual na cidade, que poderia se alastrar por toda a região. Todavia, naquele despovoado Estado, não havia profissionais suficientes para dar conta de todos aqueles homens. Na capital do país, pensou o governador, conseguiriam o número desejado. Entraram, então, em contato com o Presidente que, muito solícito, providenciou em poucas semanas um contingente de mais de duas mil mulheres, oriundas não só da capital, como das cidades satélites.

As meretrizes trouxeram vida e alegria para a cidade. O burburinho era tal que os ciganos ficaram, naquele ano, um mês a mais do que o normal. Depois, uma parte deles foi para

Só Sebastiana, enquanto alguns decidiram permanecer mais algumas semanas em Maricá do Rio Preto.

Em poucos meses, a população das duas cidades estava completamente infectada pelo terrível vírus da Xigostora. Trata-se de uma doença capaz de matar em alguns anos. O doente começa sentindo pequenos incômodos ao urinar, mas logo os incômodos se transformam em dores lancinantes, de forma que aliviar-se de uma das necessidades mais básicas torna-se algo insuportavelmente doloroso. Ao fim de um certo tempo, a bexiga acaba por estourar e a nova urina que aos poucos vai surgindo alaga os órgãos até o ponto em que param de funcionar, afogados.

Mas os ciganos conheciam uma salvação. Havia um pajé de uma tribo que vivia discretamente em uma floresta entre Maricá do Rio Preto e Só Sebastiana, que dizia ser capaz de curar qualquer doença. Confiantes, as duas cidades decidiram entrar em contato com o índio. De cada município partiu um local e um cigano. Chegaram todos quase ao mesmo tempo à referida tribo. O habitante de Maricá do Rio Preto achou os apetrechos indígenas que lá viu extremamente semelhantes aos que os ciganos venderam na sua cidade no ano anterior, dizendo serem oriundos de remotas tribos da Selva Amazônica, mas preferiu calar-se sobre o assunto.

Embora fossem fechados e avessos a contatos com o mundo exterior, os índios receberam muito bem os caras-pálidas, pois estavam acompanhados por ciganos amigos. O Pajé, um homem velho, cansado, portando um cajado de madeira rústica, que na verdade não passava de um galho morto, a tez de tonalidade parda-escura, rosto chupado de tal forma que era possível acompanhar-lhe a ossatura do crânio, mas dotado de invejável sabedoria e com olhos negros e atentos de águia, informou aos viajantes que aquela doença era, de fato, curável, mas o ritual era complicado, pois demandava quase três dias e um sem número de ervas e plantas raras, de forma que só poderia curar uma pessoa. Esta, então, passaria a cura adiante,

da mesma forma que se passa a doença. Contudo, o nativo de Maricá do Rio Preto falou que os homens da sua terra não voltariam a deitar-se com suas ex-esposas, que os trocaram pelos traidores de Só Sebastiana, mesmo que esta fosse uma condição fundamental para que a cura fosse espalhada, de forma que deveria ser ele o curado, já que os moradores da cidade rival eram indignos de receber qualquer tipo de ajuda. O só-sebastianense, por sua vez, alegou que os responsáveis pela infecção da região eram os seus adversários da cidade vizinha, já que foram eles os responsáveis pela vinda das meretrizes infectadas, que passaram a doença para os ciganos, gerando uma epidemia em toda a região. Assim, eles deveriam apodrecer, como forma de expiação do pecado de trazer pessoas eivadas por tão séria enfermidade.

O bate-boca estendeu-se por alguns minutos, enquanto os ciganos e o pajé observavam estáticos, até que este se colocou entre os dois exaltados e bateu o seu cajado com força contra o chão, provocando uma pequena explosão. Irritado, mandou que fossem todos embora e só retornassem quando tivessem chegado a um consenso.

Estabeleceu-se, então, uma negociação entre as duas cidades, mas não foi possível chegar a um acordo, de modo que uma guerra, na qual os armamentos mais evoluídos eram peixeiras afiadas, foi inevitável.

A notícia do embate espalhou-se rapidamente por toda a nação. O Presidente, perplexo e sem entender muito bem o porquê de tamanha selvageria numa pátria marcada por um pacifismo quase monótono, enviou uma tropa do exército para a zona de conflito, a fim de normalizar a situação. As duas cidades, de acordo com as ordens presidenciais, deveriam ficar cercadas por tempo indeterminado, não podendo sair nem entrar ninguém, salvo comerciantes, para breves negociações.

Longe da família e fazendo um trabalho estressante, os recrutas responsáveis pelo cerco a Maricá do Rio Preto relaxavam todas as sextas-feiras na zona da cidade. Não tardaram em

se contaminar e posteriormente passar a moléstia às suas esposas e às meretrizes que restavam na capital, já que um esquema de revezamento determinava que nenhum oficial deveria ficar afastado de casa por mais de seis meses, para que não perdesse a motivação e se entregasse à libertinagem.

Logo, quase toda a população do Distrito Federal, inclusive o alto escalão do governo, estava doente. Ministro, senadores, deputados e o próprio Presidente, todos colheram a maldição do ventre das prostitutas, transformando a questão em problema nacional.

A Autoridade Máxima da República desesperou-se com tamanha calamidade. Convocou todos os seus assessores para que fosse descoberta uma rápida solução. Eis que um deles surgiu com uma resposta inusitada: “há um pajé capaz de solucionar nosso problema.” Em face de tal comentário, o Presidente adotou uma atitude dúbia entre o riso e o choro, mas diante da falta de alternativas, decidiu conversar com o velho índio.

Ao chegar à tribo, o Chefe da Nação ouviu do Pajé o mesmo que os moradores de Só Sebastiana e Maricá do Rio Preto, que o visitaram previamente. Mas como algumas pessoas já estavam infectadas há muitos meses e a enfermidade tinha atingido proporções alarmantes, era importante que se começasse a cura pela pessoa mais libertina do país, a fim de acelerar o processo. O Pajé, então, deu uma baforada no seu charuto de folha de bananeira, contendo uma maçaroca amarela dentro, e expeliu uma fumaça laranja, que formou a imagem de uma bem vestida dama. “Meu Deus!”, exclamou o Presidente, “é a embaixadora da França!”. O Líder dos Índios pediu que ele retornasse com aquela senhora. O Comandante da Nação falou que jamais conseguiria convencer a elegante representante do País de De Gaulle a visitar uma tribo indígena no interior do país, principalmente para ser cobaia de uma sessão de pajelança. O índio ignorou estas palavras, virou-se de costas e entrou em sua oca.

No dia seguinte, assim que retornou à capital, o Presidente ligou, já à noite, para a Embaixada da França, mas a Embaixadora já havia ido para casa. Muito constrangido, ligou para a residência da pomposa senhora.

- Alô. - disse uma voz masculina impostada, porém nitidamente serviçal.

- Eu gostaria de falar com a Sra. Caroline de la Campaigne, por favor. - respondeu o Excelentíssimo Senhor Presidente da República.

- Quem gostaria?

- É o Presidente da República.

- Pois não, Excelência, um instante, por favor. - inquietou-se o criado.

Este momento, para o Presidente, foi o mais desesperador de toda a saga, pois enquanto esperava a Embaixadora, o telefone ficou no módulo de espera, tocando Por Elise. Ele detestava essa música devido a um trauma de infância (aquela barba do homem do gás a roçar-lhe a face. *Abrg!*) Chegou ao ponto de dirigir o telefone ao gancho, quando ouviu a voz da matrona, que lhe pareceu um canto de sereia.

- Boa noite, *Prresidente*, em que posso ajudá-lo?

- Estamos com um problema seriíssimo, que assola toda a República, e preciso falar com a senhora urgente.

- *Porr* que não vem à minha *rresidência*?

- A que horas?

- Pode *virr agorra*.

- Pois não, estou a caminho.

Em menos de quinze minutos ele estava lá. Foi recebido pela própria Embaixadora, que abriu a porta trajando um vestido preto longuíssimo, com um enorme decote, que lhe deixava uma metade dos seios descoberta e a outra querendo descobrir-se. Usava um cachecol negro com pontos brilhantes e um tamanco baixo combinando. No pescoço, um colar de pedras, talvez preciosas, numa tonalidade quase branca de bege, que guiava os olhos do interlocutor até o final do decote, quase

no pico da montanha. Nas orelhas, enormes brincos de argola. Exalava um cheiro afrodisíaco.

- É um *prrazerr* recebê-lo em minha *morradia*. *Entrre, porr favorr*.

O Presidente entrou. O mordomo ofereceu-lhe uma taça de vinho, o que aceitou de pronto. A Embaixadora pediu uma para si. O Chefe da Nação sentou-se em um sofá e a Sra. Caroline acomodou-se à sua direita, a uma pequena distância. Virou o corpo para o lado, a fim de ficar numa posição agradável à conversa. Ninguém disse nada até que as taças foram servidas. O Presidente estava visivelmente nervoso. O suor escorria-lhe da costeleta, apesar do frio quase glacial que o refrigerador central proporcionava. Coube à Sra. de la Campagne quebrar o gelo:

- Pois não, *Prresidente*. *Parrece* que algo *grrave* ocorreu, *n'est pas?* *Prreferre converrsarr* e *beberr* um pouco antes de *começarrmos* a *debaterr* as questões de Estado?

- Sem dúvida.

Conversaram e beberam animadamente por uma hora e meia, até que a diplomata francesa levantou-se, já trôpega, para ir ao toalete. Ao retornar, começou a insinuar-se desavergonhadamente ao seu companheiro de sofá. Taça de vinho sempre na mão direita, mão esquerda apoiada no encosto do sofá, movendo-se para frente até alcançar a cabeça do seu objeto de desejo, no qual começa a fazer cafuné. Corpo inclinando-se cada vez mais em sua direção até cair com a cabeça em seus ombros e começar a beijar-lhe o pescoço, lambe suas orelhas, beijar sua boca, tirar sua camisa, o seu cinto, sua calça, sua cueca. Despir-se completamente e sentar-se ansiosamente sobre o seu colo, onde inicia um constante e extasiado movimento de vai e vem, embalada pela Marselhesa, que jorra triunfante pelas caixas de som.

Terminado o “assunto”, ela ficou parada sobre ele por um minuto, deixando, em seguida, seu corpo cair para trás, com um sorriso constante. Então, rindo, perguntou:

- E *enton*, o que Vossa Excelência tinha de *ton sérrio parra falarr*?

- Preciso que a senhora visite um pajé, no interior do país.

- Um pajé!?! Isso *non* tem algo a *verr* com índios?

- Exato, preciso que a senhora vá a uma tribo.

- *Parre* de me chamar de *senhorra*, você acabou de *fazerr* sexo comigo. E o quê você *querr* que eu faça nessa *trribo*?

O Presidente dissertou sobre a epidemia que assolava o país.

- Entendo... - respondeu a Embaixadora - mas se as *merretrrizes* que *contaminarram* a pequena cidade *vierram* da capital, *porr* que os habitantes daqui não haviam sido contaminados antes?

- Boa pergunta, - retrucou o presidente - sabe que eu não havia pensado nisso?

- Nem nenhum dos seus *assessorres*?

- Não, sabe como é, o Executivo é um poder que carece de inteligência. O povo elege o mais carismático, que por sua vez, compõe o ministério de acordo com o jogo político, de forma a contemplar todos os seus aliados. Assim, não há ninguém no governo realmente capacitado.

- Entendo... mas onde estão as mentes pensantes deste país?

- Algumas no Judiciário, onde nem todos são honestos, as outras na França ou nos Estados Unidos.

- Hmm... mas *porr* que está me contando essa *hístória* toda?

- Bem... é que... existe um pajé capaz de dar um basta nesse surto, mas só uma pessoa muito especial é capazes de receber a cura e passá-la adiante. Não me pergunte por quê, mas ele disse que essa pessoa é você.

- Ah, eu! E o que tenho de ton especial assim?

- Como lhe disse, não sei.

- Sim...mas o que você *querr dizerr* com passá-la adiante?

- É que a cura é passada da mesma forma que a doença.

- Como!?! Você está me dizendo que *terrei* que me *deitarr* com toda a *nacion parra* salvá-la!?!

- Não, não, de forma alguma! Deite-se com quem quiser, quando quiser, que essa pessoa fatalmente acabará se deitando com outras, cada uma delas com tantas outras e assim por diante.

- Mas como posso ser *currada* se *non* estou doente.

- Não há problema. A cura é infecciosa, entende? Mesmo que você não tenha nunca ficado doente poderá “contaminar” outra pessoa. - respondeu o Presidente, duvidando do que acabara de ouvir – Posso contar contigo?

- *Enton terrei* que *dormir* com algum infectado *porque* um pajé falou que assim *estarei* passando a curra e salvando a *nacion*?

- É... mais ou menos por aí.

- Eu topo, mas só se *forr* você o doentinho que *currarrei*.

- disse a matrona, com um sorriso provocante.

- Fique tranqüila. - respondeu o Presidente, um tanto tímido - Amanhã de manhã partiremos.

Chegando à tribo, a Sra. de la Campaigne fez a mesma pergunta ao Pajé sobre a estranheza das prostitutas da capital terem infectado os Moradores de Maricá do Rio Preto, sem que tivessem previamente espalhado o vírus pelo Distrito Federal. O Curandeiro respondeu, com má vontade e em poucas palavras, que aquilo era relacionado a uma maldição que pairava sobre o Vale do Rio Preto. A Sra. Caroline não ficou muito satisfeita nem convencida pela explicação, mas submeteu-se ao ritual de cura sem maiores questionamentos. Ficou durante dois dias e meio comendo apenas banana, reclamando o mínimo possível, dentro de um círculo de apenas três metros de diâmetro, formado por um cadáver de macaco, que não exalava cheiro nem se decompunha, uma folha de bananeira, um cocar, uma flecha cravada ao solo e o próprio pajé, que fumava diversos charutos coloridos, cada um com um cheiro mais estranho do que o outro. Terminado o longo ritual, o pajé disse, sem sequer uma pausa que indicasse o fim dos trabalhos:

- Agora vá, ande, dissemine a cura da forma mais rápida possível.

- E o *senhorr* está achando que eu sou o quê para *sairr porr* aí disseminando uma *curra* sexual?

- Vagabunda. - respondeu, placidamente, o Pajé, numa entonação característica dos índios.

- Mas que ousadia! Eu fico aqui quase *três* dias, *dormindo* em cima de uma *esteira* tosca, me alimentando de banana, parra o *senhorr* me *chamarr* de vagabunda?!? Quem o *senhorr* pensa que é?

- Paiacan, o Curandeiro; filho de Nostocas, o Caçador; neto de Wichauia, o Guerreiro; bisneto de Uochalá, o Domador de Leões.

Bem, não era exatamente uma apresentação formal que a Embaixadora esperava como resposta. Por isso, ficou meio atordoada, olhou para os lados sem saber o que falar e disse: “Vou *emborra*.” Pegou suas coisas e seguiu em direção a um descampado, logo após a fronteira que marcava o fim do Vale do Rio Preto, onde um helicóptero a esperava. O Pajé foi dormir tranqüilo, na certeza de que acabara de salvar a nação, que inteira se banhava, em noites de gozo, do mesmo fluido.



## IV

### Um, dois, três, quatro, cinco, cinco, cinco...

Giovani Crespini era um sujeito singular e anacrônico. Vivia em uma pequena cidade medieval italiana, chamada San Gemignano. Lá, passava os dias trancado dentro de uma sala de tamanho confortável que cabia por milagre dentro de sua minúscula casa. Vestido com calça de pano cáqui, camisa quadriculada de botões e suspensório, Giovani era considerado um ser esquisito, embora muitos ficassem fascinados em trocar um dedo de prosa com ele. Mesmo vivendo já no fim do século vinte, Giovani era inventor. Achava que as grandes indústrias não eram capazes de superar essa figura, pois, embora possuíssem um amplo aparato técnico, não tinham coração e sem este as pesquisas emperram. Com frequência atinge-se um ponto no qual se conclui não ser possível prosseguir e é justamente neste momento que o inventor se destaca. Desafia a natureza, coloca a mão na massa e mesmo que todos os cálculos indiquem um fragoroso fracasso, ele realiza a sua invenção, superando todas as expectativas, inclusive as suas próprias. Contudo, embora tivesse uma aparência de início de século vinte em uma idade em que deveria estar preocupado em andar na moda para agradar as meninas, o curioso italiano não deixava de se servir dos mais modernos equipamentos, como *lap top* e internet.

Nos últimos anos vinha se dedicando com afinco à descoberta de uma vacina contra a AIDS. Depois de muita pesquisa descobriu uma erva raríssima e já praticamente extinta, que poderia servir como matéria prima. O problema era saber onde achá-la. Utilizou-se de enciclopédias, livros de biologia, internet e nada encontrou. Foi necessária uma viagem a Roma para que achasse alguma menção à referida planta.

Segundo constava em um livro velho, mofado e empoeirado, encontrado na Biblioteca Nacional de Roma, apenas

em um local do mundo era possível encontrar o que Crespin desejava: no Vale do Rio Preto, uma pequena região de um enorme país latino ao sul.

Durante um ano Giovanni juntou dinheiro, que conseguiu vendendo algumas invenções simples, e comprou uma passagem aérea para o país em que deveria estar a desejada erva. Ao chegar, ainda foi necessário pegar um trem e uma charrete para alcançar a remota região.

Sua viagem terminou numa fria madrugada de inverno, em um pequeno povoado sem luz elétrica, chamado Maricá do Rio Preto. Sem ter onde dormir, posto que não havia pousadas e os moradores estavam adormecidos, teve que passar sua primeira noite no Cabaré da Madame Bardeau.

Pagou uma noite com uma moça e ao chegar ao quarto pediu a ela que simplesmente virasse de lado e dormisse, pois ele precisava descansar e o que ele estava realmente pagando era o quarto e a cama.

No dia seguinte, bateu de porta em porta até encontrar um velho e magro senhor de aparência misteriosa, tez indiana, em traje formado por longos panos em tons escuros que se sobrepunham formando um estranho emaranhado, no qual o homem, que falava italiano e ofereceu-lhe espaço em um colchão no sótão de sua livraria, parecia sentir-se confortável. Perguntou-lhe se havia outra cidade na região que tivesse energia elétrica. A resposta foi negativa.

Seu próximo passo foi conversar com o prefeito, utilizando-se de uma língua que estudara na infância, bem próxima à falada naquele país, sobre a ausência de luz, já que esta era necessária para que Giovanni ligasse seu *lap top* e prosseguisse satisfatoriamente a pesquisa. Crespin questionou-lhe por que não mandava uma carta ao governador, pedindo que alguma providência fosse tomada, já que a luz elétrica era uma grande invenção, capaz de melhorar a qualidade de vida dos habitantes. O prefeito alegou que a população nunca se moveu nesse sentido, que jamais sentiu falta dessa invenção alardeada como

fantástica pelo italiano, ficou reticente, mas acabou acatando a idéia. Enviou a carta, pedindo não apenas a instalação de linhas elétricas, como também telefônicas. Não foi necessário mais do que um par de semanas para que a burocracia estivesse superada e a instalação começasse. Contudo, esta demorou bem mais que o esperado, já que nenhum equipamento moderno que seria utilizado durante as obras funcionou.

As obras estenderam-se por meses, utilizando apenas instrumentos rudimentares, como pás e burros de carga. Por fim, após muito sufoco, os trabalhos foram concluídos, mas sem nenhuma razão aparente a luz não chegou. Giovanni não conseguia prosseguir no seu trabalho, posto que vários instrumentos necessitavam de energia para funcionar. Viajou à capital do Estado e num ato de coragem acabou com quase todo o seu dinheiro comprando um gerador, mas este sequer deu sinal de vida em Maricá do Rio Preto, mesmo tendo sido testado na capital. Aquilo foi deixando-o intrigado, pois não conseguia conceber o sistemático insucesso no uso de equipamentos de tecnologia minimamente avançada, naquela cidade.

Foi buscar a solução nos livros, mas nada encontrou, até que o seu hospedeiro comentou que aquela região era parada no tempo e abriu, na sua frente, um enorme volume, na página 11.

Diziam, as letras da referida página, que havia, no centro do vale, um relógio de sol sobre uma pedra. Neste local, os raios solares faziam-se presentes do alvorecer ao anoitecer, todos os dias, sem que nunca nenhuma nuvem impedisse tal acontecimento. Em dias de chuva, um pequeno espaço permanecia descoberto, permitindo que o sol banhasse o marcador do tempo. Ocorre que certa vez um grupo de agricultores explodiu rojões no céu, a fim de provocar chuvas que acabassem com uma seca que já durava muitos meses. O plano não apenas funcionou, como deu certo em excesso, ou seja, deu errado. Uma chuva torrencial, como nunca se vira no Vale do Rio Preto, abateu-se sobre a região. A força das nuvens era tamanha que nem o perene espaço por onde os raios de sol passavam resistiu, de

modo que o relógio não mais foi capaz de marcar as horas e o tempo parou na região. Assim, as nuvens jamais saíram de onde estavam e as chuvas continuaram na desconhecida e desabitada região central do vale. Isto explicava porque a área era impenetrável à tecnologia e porque doenças já erradicadas ali se manifestavam. Giovane precisava fazer com que o tempo voltasse a fluir, para que a região progredisse e sua pesquisa avançasse. Uma vez que o amadurecimento e a mortalidade do ser humano é algo inerente à sua natureza e não ligado ao tempo, aquele estado de coisas em nada beneficiava os nativos.

Pensou muito, durante dias e dias. Precisava achar uma forma de reverter a situação utilizando-se apenas da tecnologia disponível ao tempo em que o tempo parou. Fez uma pesquisa sobre os compostos químicos dos rojões que estouraram no céu no início do século e fabricou novos morteiros, utilizando os compostos mais antagônicos possíveis àqueles, mas não obteve resultado. Foram inúmeras tentativas, em cada uma era trocado um elemento, aumentada a concentração de outro e inúmeras equações eram feitas, sem que qualquer resultado fosse obtido. Decidiu conversar, então, com o seu curioso anfitrião.

Foram horas de prosa e conjecturas, animadas por taças de uma forte bebida alcoólica que Marvin trouxera de uma viagem à Terra do Sol Nascente. Marvin era um cigano que há apenas três anos se estabelecera em Maricá do Rio Preto. Disse que nos últimos anos antes de tornar-se sedentário já pensava em deitar raízes em algum lugar, contudo, esperava sentir-se extremamente bem em alguma região, para que de lá jamais saísse. Foi apenas na sua décima terceira visita a Maricá do Rio Preto que decidiu ficar. A cidade estava em polvorosa, repleta de quengas vindas do Distrito Federal e tomada por uma grave epidemia. As mulheres da cidade haviam se mudado para um povoado vizinho e o clima estava bastante tenso na região, tendo havido, inclusive, uma guerra. Aquele ambiente hostil para qualquer pessoa normal fascinava Marvin, o Livreiro, como passou a ser conhecido no povoado. Ele via no Vale do Rio

Preto, e particularmente na cidade em que se estabeleceu, um verdadeiro resumo da espécie humana. Lá, as pessoas eram, concomitantemente, cruéis, ingênuas e puras, pois nada mais faziam que, em situações limite, agir guiadas pelos seus instintos, sem nenhum traço de maldade ou frieza calculada. Aquele que cativasse os moradores da região seria bem tratado. Se uma pessoa não gostasse de outra, não saberia esconder este fato e logo seriam inimigos declarados. Um manto de sinceridade cobria o povoado. Marvin costumava dizer que naquela cidade os indivíduos eram transparentes. Os olhos, considerados, em todo o mundo, as portas da alma, ali eram fidedignos espelhos, mas espelhos mágicos, que não invertiam a imagem. O cigano contou muitas histórias ao italiano e uma cumplicidade sincera, como não poderia deixar de ser em Maricá do Rio Preto, surgiu entre os dois.

Após uma longa conversa fiada, começaram a tratar da questão da paralização do tempo e as frustradas tentativas do inventor de resolver o problema, agora acompanhados por xícaras de chá de graviola. O anfitrião falou que em décadas de viagem, a pessoa que conheceu mais entendida de céu morava naquele mesmo país, só que mais ao norte. Era conhecido como João, o Baloeiro, sujeito simpático e extrovertido, habitante de uma cidade um pouco maior que as do Vale do Rio Preto, na região das Planícies de Tempido. Marvin não se lembrava o nome da cidade, mas afirmou categoricamente que, uma vez nas redondezas, não seria difícil saber qual era.

Crespin não perdeu tempo e no dia seguinte partiu para a referida região. Deixou seu equipamento sob a guarda do livreiro e seguiu viagem apenas com uma mochila.

Foram três dias de charrete até a capital do Estado e de lá mais dois dias de trem até as terras procuradas. Ao chegar às terras planas de Tempido, os olhos de Giovane se arregalaram quando percebeu que três balões vermelhos formavam, sobre a ferrovia, um arco de entrada de uma cidade. Ao centro, flutuando a cerca de dez metros de altura, ficava um enorme balão,

onde se lia, no gigantesco globo inflado, em preto: “Bem-vindo a Sundra do Norte”. Os outros dois, menores, cada um de um lado do balão principal, flutuando a poucos metros do chão, completavam o arco.

Ao descer do trem percebeu que havia muitos turistas e algumas placas, que indicavam direções de pontos turísticos, tais como o Museu dos Balões, o Parque dos Balões, a Oficina do Balão, a Casa do Baloeiro e o Play Balloon Center. O mediterrâneo não demorou a concluir que a pessoa que procurava era a maior personalidade da região. Dirigiu-se à Casa do Baloeiro e lá chegando viu uma pequena construção no canto de um enorme pátio, no qual havia muitos balões inconclusos, diversos outros já prontos e alguns até inflados, mas presos por cordas ao chão. Contornando-se o adro era possível ler placas que contavam a história da vida de João, o Baloeiro, e demonstravam como ele era um homem de renome internacional. No centro havia um jardim, onde as plantas eram podadas de forma a ficarem com o formato de um balão. Logo na entrada havia uma placa: “Venha às 18:00 h e conheça João, o Baloeiro”. Foi o tempo de Crespin achar uma pousada, sem muita dificuldade, e retornar. Assistiu a uma audiência com o grisalho e simpático velhinho. A abundância de cabelos brancos era incrível. Não havia um fio de barba nem de cabelo, passando pela sobancelha, que fosse mais escuro. Seu visual também anacrônico, trajando roupas semelhantes às do italiano, cativou Giovane. João falou sobre sua vida, balões, como surgiu sua paixão por estes objetos voadores e sobre a vivacidade da cor vermelha. Segundo disse, causando gargalhadas generalizadas, quando nasceu veio um saci e lhe disse: “vai João, vai ser baloeiro na vida”. Ao ouvir os risos, João, o Baloeiro, indagou: “Não acreditam?” e continuou a exposição. Finda esta, Giovane procurou-o e dissertou sobre o problema que afligia o Vale do Rio Preto. O simpático velhinho, sempre com um sorriso no rosto, respondeu-lhe sem hesitar: “Partimos amanhã, às sete.”

Dito e feito. No dia seguinte estavam ambos flutuando nos céus, a bordo de um gigantesco balão vermelho, com um adorno metálico pontiagudo no topo do globo, o qual foi objeto da curiosidade do inventor, mas o baloeiro apenas respondeu que ele em breve compreenderia.

O espírito inventor, empreendedor e principalmente aventureiro que compartilhavam, fez com que nascesse uma amizade durante aqueles dias de viagem dentro de uma pequena cesta.

Ao chegarem próximo do centro do Vale do Rio Preto, o balão começou a balançar muito devido à chuva e, embora João, o Baloeiro, estivesse puxando muitos cabos, soltando gigantes chamas da bucha e não parasse um segundo sequer, a fim de controlar o balão, não parecia nada tenso, muito pelo contrário, nunca pareceu estar tão feliz durante toda a viagem. A aventura enchia a alma de Giovane Crespin e aos poucos o medo acomodava-se num pequeno cômodo do seu coração, abrindo espaço para que a excitação se esticasse, ocupando todo o salão principal.

Quando sobrevoavam o centro de um gigantesco lago, o velho falou: “Deve ser aqui que fica o relógio. Como chove incessantemente há quase um século, está submerso por milhões de litros d` água. É bom termos vindo aqui, pois dentro de mais alguns anos este lago começaria a se aproximar das cidades e por fim, as engoliria.”

Durante alguns instantes João pareceu mirar o centro do lago. Então, jogou fora rapidamente vários sacos de areia, colocou a chama no máximo, abriu um sorriso juvenil e gritou: “Segure firme!” O balão começou a subir em linha reta e a balançar mais do que nunca. Ao atingir as nuvens, começou a subir mais devagar, como se algo estivesse oferecendo resistência. “Estamos furando as nuvens!”, exclamou o baloeiro, com o mesmo sorriso que não se desfizera desde que o saquejo atingiu patamares quase insuportáveis. Em menos de um minuto estavam sobre as formações nebulosas. Ao olhar

para cima via-se um céu azul, mas ao voltar os olhos para baixo, deparava-se com um verdadeiro chão de nuvens, com um gigantesco buraco, do tamanho do globo do balão, por onde passavam raios solares que ignoravam a água e permitiam que se visse, imerso, um belo relógio de sol, sem limos ou musgos, como se o tempo jamais o tivesse castigado.

Desceram pelo buraco aberto nas nuvens, enquanto a noite caía. Ao olharem para o horizonte, viram luzes que se acendiam. Era Maricá do Rio Preto que se iluminava. Os olhos de ambos encheram-se d'água e Giovane Crespin disse, em tom baixo e emocionado: "*benvenuto a presente*". Contudo, o italiano mal podia imaginar que a erva que gerou toda aquela aventura, nos locais onde o tempo passava, já estava extinta há mais de meio século.

## V

**Só Pode Haver Um(a)**

Abrir a torneira era um gesto inócuo. As chuvas iam bem, assim como os poços artesianos, mas os canos pararam de jorrar. A prefeitura contratou técnicos que checaram tudo, mas não encontraram defeito algum no encanamento da cidade. Um grupo de moradores seguiu os canos até o rio, onde verificaram que não corria sequer um pingo d'água pelo leito. Caminharam, então, até a fonte, onde puderam notar que a água jorrava normalmente, mas logo em seguida evaporava de uma forma quase mística. O volume da evaporação era tamanho que a região ficava com uma umidade incrível e uma névoa que tornava difícil de ver qualquer coisa a mais de poucos metros de distância. Imaginaram que o rio devia estar muito sensível ao sol, então montaram uma tenda sobre a região onde o líquido virava vapor, a fim de produzirem uma sobra, mas frustraram-se. Taparam o leito, para ver se a fumaça concentrada retornava ao estado líquido, mas também não se obteve êxito.

Desesperado e completamente transtornado, Inácio entrou no leito e começou a esbravejar, reclamando com o rio, xingando-o e pulando, batendo com os dois pés com força contra o chão. Foi quando o vapor se concentrou em torno dele e começou a levitá-lo. Subiu muito, até onde a vista já não alcançava e foi depositado sobre uma nuvem. O vapor, então, formou uma frase no céu: “quero ser rei”. Em seguida, retornou à forma abstrata e levou Inácio de volta ao chão, em segurança.

Ao vê-lo de volta, os que lá estavam assumiram diversas colorações, proferiram diferentes expressões e passaram mal de todos os modos. Apenas Sidney pareceu mais calmo. Perguntou, então, sobre o ocorrido e Inácio narrou-lhe a rápida aventura. Ninguém ali sabia o que o rio queria dizer; decidiram, portanto,

ir a Maricá do Rio Preto, procurar Marvin, o Livreiro, profundo conhecedor de fenômenos inexplicáveis.

Ao chegarem à livraria, expuseram o caso ao velho cigano, que os ouviu atentamente. Em seguida, pegou o mesmo volume que entregara a Giovane Crespin anos antes, abriu o índice e procurou pela palavra “rios”, que remetia à página 22. Foi à referida página e abriu o livro sobre a mesa, para que todos pudessem ler. Esperou calmamente durante um quarto de hora, quando o último terminou a leitura, que jamais saíra da página 22, pois à medida que se lia, novas palavras surgiam na mesma folha. Em seguida, disse:

- Compreenderam agora?

- Acho que sim. - respondeu Inácio, com seu jeito de matuto - Mas cumé que nós vai fazê pra dirrubá o rival dele?

- Você foi o escolhido para a missão, meu caro. Cabe a ti encontrar a solução. Esse velho livreiro não passa de um auxiliar. A bem da verdade, quer minha resposta sincera? Não faço a menor idéia.

Inácio concentrou-se durante dias e dias, até ter uma boa idéia. Procurou, então, o prefeito de sua cidade, acompanhado das testemunhas de sua levitação, para que o político acreditasse em suas palavras.

- Vossa Senhoria, um homem influente, deve conseguir que seja instalada uma indústria bem tóxica no rio do sul. - disse Inácio.

- Farei o possível. Te respondo em breve.

Em apenas uma semana, o governante local procurou Inácio.

- Falei com um empresário amigo, ofereci condições favoráveis, fiz acordos com o governador para que concedesse fortes subsídios e consegui um *ok*. Logo começarão as obras.

E de fato começaram. Em um ano a indústria estava pronta, inutilizando as águas do rio do sul. Mas, apesar das condições favoráveis, o empreendimento não deu certo. A empresa era vítima de constantes sabotagens, provavelmente

cometidas pelas moradoras de Nova Córdoba do Rio Preto, primeira cidade a ser banhada por aquele rio, ou até pelos habitantes de Só Sebastiana, cidade mais a Leste, mas também dependente daquelas águas.

Com o fracasso da empreitada, o rio do norte voltou a negar suas águas. A cidade desesperou-se novamente e Inácio passou um mês trancado em casa tentando imaginar uma solução. Não conseguiu pensar em nada muito eficaz, então decidiu que os dois rivais deveriam duelar, para que fosse decidido de uma vez por todas, quem seria o único Rio Preto.

Cavaram, então, um pouco a oeste de Nova Córdoba do Rio Preto, um desvio, a fim de que as águas do rio do sul se encontrassem com as do rio do norte. A obra durou algumas semanas e foi feita na maior discrição possível, mas ninguém podia imaginar as conseqüências daquele encontro de inimigos históricos.

Assim que a primeira molécula do rio do sul encontrou-se com o primeiro resquício de água do rio do norte, uma gigantesca onda se formou, deformando completamente os leitos, que agora tinham dez vezes o tamanho inicial. Alguns dos que trabalhavam na obra conseguiram salvar-se, agarrando-se a um tronco de árvore; outros foram tragados pelas águas em fúria. Ninguém acreditava nos seus próprios olhos ao ver dois rios de água tão mansa causarem tamanho reboliço no que seria apenas a junção de um afluente ao rio principal.

Não tardou a que surgissem surfistas, oriundos de grandes centros. Os corajosos rapazes chocavam os locais ao entrarem naquele inferno líquido e causavam admiração ao conseguirem equilibrar-se sobre suas pranchas enquanto desciam e cortavam ondas, arrancando aplausos dos que assistiam. Ver os corajosos homens aquáticos, como foram apelidados, tornou-se a grande diversão da população de São Tomé. Cada vez chegavam mais surfistas e no verão o pico ficou craudeado.

Certo dia, um rapaz conseguiu pegar a onda dos sonhos de todo surfista. A elevação d'água partiu do rio do norte, avançando pelo braço de ligação, que fora escavado, ligando os

dois rios, até chegar ao leito original do rio do sul. Lá chegando, desfez-se pela metade e começou a subir o leito pelo lado norte, ao som de murmúrios de “brou, que viagem...”, emitidos pelo surfista. Foi até a nascente, onde deu meia volta e começou a descer pelo lado sul do leito, seguindo até o mar.

Após esse impressionante fato, a corrente do agora único Rio Negro passou a seguir um caminho de causar espécie a qualquer estudioso de fenômenos naturais. O rio nascia normalmente, no noroeste do Vale do Rio Preto, seguia até o ponto onde fora o encontro dos dois rios. Lá, uma parte das águas seguia normalmente pelo antigo caminho do rio do norte e outra invadia a parte escavada, indo no sentido contrário ao esperado. Chegando ao velho leito do rio do sul, ocupava-o pela metade, para subir em direção à antiga nascente do rio que originalmente ali estivera e lá chegando, a mesma água fazia uma curva, descendo pelo outro canto do leito. Todo este fluxo vinha da velha fonte do rio do norte, que agora jorrava como jamais o fizera.

Dois irmãos de Nova Córdoba do Rio Preto subiam o rio enquanto conversavam, até que chegaram ao ponto do desvio construído pelos moradores da cidade próxima, do qual até então não se tinha conhecimento naquela cidade. Mas aquele novo afluente não os espantou tanto quanto ver que a água que deveria ir do leito principal para o desvio, fazia justamente o contrário e que chegando ao leito principal, a correnteza seguia direções opostas em cada canto. Foram correndo de volta para casa contar o fato ao pai. Affonsín, então, que há mais de dez anos não fazia nada além de dormir, comer e satisfazer sexualmente um batalhão de mulheres, sempre estirado em uma rede branca, animou-se com a notícia e viu naquilo uma possibilidade de ganhar dinheiro. Construiria uma pequena casa junto ao entroncamento do rio, onde haveria um restaurante, uma lanchonete e bóias para alugar a turistas. Também seriam construídos hotéis e pousadas. Estava decidido a transformar Nova Córdoba do Rio Preto em atração nacional, mas para

isso, precisava divulgar o fenômeno. Entrou, então, em contato com o governador e narrou-lhe o ocorrido:

- Mas veja bem, meu querido, - disse o governador - eu nunca ouvi falar nessa cidade.

- Es que *yo* nunca comuniquei a *nadie* sobre *su fundación*, há dezesseis *años*. - respondeu o tanguista, numa rudimentar mistura de espanhol com a língua local.

- Então, teremos que fazer eleições para escolha de prefeito e vereadores, nomear um juiz, um promotor, um delegado, alguns policiais, fiscais das receitas federal, estadual e municipal, e abrir uma casa lotérica.

- Mas *yo* sempre governei *la ciudad* e todos *siempre* estiveram felizes com *esto!* No *hay* porque mudar, *yo soy el* Executivo, Judiciário e Legislativo. Se nos mandasse *un* médico, nos seria *muy mas* útil.

- Olha, não sei se você foi informado, mas você está dentro do território de um país de Direito, onde ninguém faz nada em desacordo com a lei.- disse o governador, em tom irônico - Despotismo não existe em nossas terras. Você terá que aceitar a presença do Estado, seja pela diplomacia ou pela espada. Quanto ao médico, o Estado reconhece a importância desse nobre profissional. Acontece que as demandas são muitas, o orçamento já foi aprovado com suas devidas destinações, temos diversas obras na área de saneamento e educação previstas pra esse ano e fica difícil realizar uma realocação de recursos a essa altura, mas prometo que faremos o possível.

- *Ok, ok*, aceito *la presencia del* Estado *en mi ciudad*, mas desde que todas *las* autoridades *seam mujeres*.

- Och, mas por quê?

- *És que no tenemos mujeres para los hombres que pueden* ir para lá. Todas *las mujeres* da *ciudad son* fiéis a *mi*.

- Então não se trata de uma cidade, mas de um harém!  
- espantou-se o governador.

- *Un poco* mas de *respecto*, por favor. Trata-se de uma *ciudad*, formada por apenas *una* linda e maravilhosa família.

- Está bom, então, Don Juan, as autoridades serão mulheres. Mas não posso evitar que levem suas famílias.

- Desde que *no* sejam famílias *muy* grandes, para *mi*, está *bien*. Mas *en* troca, *usted* divulga *mi ciudad*, para que se torne *una región* turística.

- Sim, mas antes preciso verificar se o que me conta é verdade.

No dia seguinte, o governador partiu com Affonsín e pode verificar a veracidade dos fatos.

Iniciou-se, então, uma divulgação nacional do fenômeno para-normal ocorrido em Nova Córdoba do Rio Preto e em pouco tempo as notícias ganharam o mundo. A cidade começou a enriquecer, foram abertas pousadas e hotéis. Os moradores cobravam vinte dinheiros pelo aluguel de uma simples bóia para um passeio pelo rio. Aproveitando aquela onda turística, decidiram transformar a história da cidade e o próprio Affonsín em atrações. Algumas mulheres, principalmente européias, pagavam caro para descobrir o que o portenho tinha de tão especial. Uma delas chegou com grandes e elegantes óculos escuros, além de um enorme chapéu rosa choque e um cachecol, de forma que o rosto ficava quase totalmente coberto. Mas em meio à ardência noturna seu rosto se revelou.

- *No és la embaixadora de Francia?* – indagou o argentino.

- Esqueça isso e me *curre* dos males que me *atorrmentam*.

- respondeu a nobre Sra. Caroline de la Campagne.

Nova Córdoba do Rio Preto prosperou durante algum tempo, até que uma onda de estupros começou a assustar os turistas. Havia diversidade de sexo tanto entre os estupradores quanto entre as vítimas. As suspeitas caíram imediatamente sobre os filhos e filhas de Affonsín, afinal, desde criança viveram numa cidade onde todas as pessoas faziam parte da mesma família. Os rapazes não podiam ter relações com ninguém, pois as meninas da mesma geração eram todas suas irmãs e as da geração superior eram todas mulheres de seu pai. O caso das meninas era ainda mais

sério, pois tinham parentesco direto com todos os homens da cidade, uma vez que estes se resumiam aos seus irmãos e ao pai em comum, Affonsín. Aliás, um fato curioso sobre Nova Córdoba do Rio Preto: os irmãos vinham em gerações de nove em nove meses. Como Affonsín resistiu ao encanto das mulheres durante um longo período e quando sucumbiu, o fez totalmente, não deixando nenhuma moradora da então São Sebastião intacta, todas elas engravidaram mais ou menos na mesma época. Como consequência, nove meses mais tarde, nasceram dezenas de bebês. Após os nascimentos, as mulheres novamente engravidaram e com isso estabeleceu-se um ciclo. Mas este fato, que durante muito tempo foi apenas uma curiosidade, passou a ser alvo de preocupação depois que a bolsa d'água de uma parteira estourou enquanto tirava um bebê do útero de uma mulher. Como todas as outras parteiras também estavam ocupadas, dois bebês vieram ao mundo sem qualquer auxílio, mas, por sorte, nada aconteceu às crianças, nem às suas mães.

Tanto a delegada, como a promotora e a juíza entenderam que era extremamente compreensível a situação dos jovens daquela cidade e inexistente uma conduta diversa. Preferiram, portanto, não se aprofundarem nas investigações, a fim de evitar prisões injustas, e se concentraram em imaginar uma solução para aquela meninada que explodia em convulsões hormonais.

Decidiram, então, entrar em contato com as mulheres de Só Sebastiana. Como lá mãe e filhas tinham que dividir o mesmo homem e, à exceção do prefeito, que era o próprio Affonsín, as autoridades de Nova Córdoba do Rio Preto eram todas mulheres, não seria difícil convencer algumas cidadãs do município vizinho a irem para a cidade do tanguista, onde, devido ao enorme desequilíbrio entre oferta e demanda, poderiam escolher confortavelmente seus pares. Este último argumento também foi utilizado para atrair homens de Maricá do Rio Preto, que na sua cidade natal eram obrigados a gastar grande parte do salário para satisfazer uma certa necessidade fisiológica.

À medida que os novos habitantes chegavam, o índice de estupros baixava, até que, junto com a chegada do último nativo de Maricá do Rio Preto, celebrou-se o fim dos estupros e o retorno dos turistas, com seus dólares.

O maldito argentino levou, há quase duas décadas, todas as mulheres de São Sebastião, posterior Só Sebastião e atual Só Sebastiana. Os moradores desta cidade, então, após anos se satisfazendo com cabritas, conseguiram atrair mulheres de Maricá do Rio Preto, que agora eram levadas, em grande quantidade, pela cidade fundada pelo portenho. Aquele cafajeste metido a tanguista de alto nível estava extrapolando qualquer limite.

Só Sebastiana organizou um grupo, formado por cinco homens astutos, que partiram a cavalo para Nova Córdoba do Rio Preto. Cada cavalo arrastava um papelão, para que não se deixasse rastro. Ao chegarem próximo à cidade, amarraram os equinos e seguiram a pé, a fim de fazer menos barulho. Como a casa de Affonsín era atração turística, não foi difícil encontrá-la, em meio à madrugada. Entraram por uma janela destrancada e procuraram pelo prefeito. Surpreenderam-no na cama, dormindo nu com duas mulheres, também desnudas. Um dos invasores sacou um revólver e acordou as vítimas, mandando-as ficarem caladas. Ao ver o rosto de uma das damas mais demoradamente, percebeu que esta fora sua esposa. Carregaram os três até o lado de fora da cidade. Colocaram cada um em um cavalo com um cavaleiro e partiram de volta à cidade de onde vieram. Ao chegarem, amarraram as vítimas em troncos de árvore. No dia seguinte, pela manhã, foram soltos dos troncos e ganharam enormes bolas de metal presas aos pés, para que não fugissem. As mulheres passaram a ser escravas de seus ex-maridos e Affonsín começou a responder a um sistema de rodízio, no qual a cada dia era escravo de uma família.

O desaparecimento do fundador, prefeito, patriarca, atração turística e galã da cidade causou comoção em Nova Córdoba do Rio Preto. As autoridades apressaram-se em procurá-lo, mas apenas após três anos, nove meses e cinco dias

conseguiram localizá-lo. Ele foi levado de volta completamente desgastado, acabado e sem forças, em estado deplorável, incapaz de atender à enorme demanda sexual da qual era vítima. Com isso, a falta de homens voltou a ser um problema. Só que dessa vez atingia a geração mais antiga.

Affonsín, esgotado física e mentalmente, não se candidatou a prefeito e pela primeira vez a cidade teve mais de um candidato, o que gerou uma conseqüência nefasta: campanha eleitoral. Duas mulheres se candidataram, cada uma representando uma geração. Pela geração mais velha, constituída pelas mulheres de Affonsín, se candidatou Maria de Lurdes, a primeira a ceder aos encantos daquele belo argentino, que há vinte anos chegara fugido a São Sebastião. Pela geração mais nova, formada pelas filhas do portenho, candidatou-se Maria Rita.

A campanha girou em torno da solução para a discrepância entre o número de mulheres e de homens entre os mais velhos. Enquanto havia centenas de mulheres, o único homem de idade minimamente avançada era Affonsín, que não era mais capaz de garantir a satisfação de todas. A proposta de Maria de Lurdes era que as filhas compartilhassem seus homens com suas mães. Já Maria Rita entendia que devia haver uma campanha para atrair migrantes de mais idade, de forma que as proles não fossem obrigadas a compartilhar os falos, tão dificilmente obtidos, com suas progenitoras.

Aquela alegava que já haviam trazido muitos migrantes e caso persistissem na utilização deste recurso sempre que houvesse um desequilíbrio, acabariam gerando desemprego. Esta dizia que a cidade era muito próspera, que o turismo não parava de crescer e que a poligamia era crime, previsto no Código Penal.

Maria de Lurdes afirmava que não haveria crime, pois não seria celebrado casamento entre as mães e os maridos das filhas, mas haveria apenas uma união de fato, com o mero fito de satisfação sexual. Maria Rita dizia que isso era adultério, também crime previsto no Código Penal. Mas a Maria coroa retrucava dizendo que se a prática fosse aceita pela população

não haveria crime, pois segundo os juristas mais modernos, não existe crime quando a suposta vítima consente.

A Maria jovem argumentava que se era pecado cobiçar a mulher do próximo, então cobiçar o homem da próxima também o era. A outra Maria respondia que só há que se falar em cobiça quando não há consentimento, portanto, se as filhas não fossem intransigentes e compartilhassem seus homens sem maiores reclamações, haveria repartição, uma ajuda à próxima, logo, um ato nobre e que pecado era não fazê-lo. Jesus ensinou-nos a dividir, dar e compartilhar, dizia.

Foram meses de disputa, a cidade encheu-se de cartazes. As correligionárias de Maria de Lurdes colocaram um telão no centro da cidade. Foi a primeira vez que aquele povo viu uma imagem projetada. Tentando não ficar em desvantagem, as partidárias de Maria Rita queimaram suas economias para comprar televisões para os indecisos, onde era transmitido o horário eleitoral, algo que só ela tinha, pois conseguiu um empréstimo com um banco, para comprar uma câmera.

As eleições giravam basicamente em torno dos homens, pois as mulheres mais velhas fechavam, invariavelmente, com Maria de Lurdes e Maria Rita tinha o voto das mais novas garantido. Quem decidiria, então, seriam os maridos. Mas nenhuma das candidatas se deu conta de que todo aquele esforço era inútil, pois na hora de depositar a cédula, o que os homens levariam em conta eram os atributos de suas sogras.

Por uma pequena diferença, ganhou Maria de Lurdes.

As mais novas, inconformadas, traçaram uma estratégia para mudar o quadro. Durante quatro anos trataram suas mães como rainhas, dando-lhes muitos doces, feijoada, lombinho de porco e outras maravilhas. Deixaram-nas apenas em repouso, numa vida feliz limitada a sexo e comilança, de forma que ao chegarem as eleições seguintes, tinham se transformado em enormes jamantas, com pelancas despencando por todos os lados, como um líquido que escorre de uma caneca cheia. Passaram a ser completamente indesejadas pelos homens, ou

melhor, repugnadas. Estes preferiram limitar-se aos corpos jovens de suas esposas.

Assim, iniciado novo escrutínio, todo o ritual se repetiu, mas os cabras votaram, em massa, em Maria Rita, que no dia da posse viajou pelos povoados próximos em busca de novos moradores acima dos cinquenta anos. Não foi difícil achar quem quisesse morar em tão próspera cidade, de forma que, pela primeira vez em sua história, Nova Córdoba do Rio Preto era formada por famílias nos moldes tradicionais.